

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Educação das relações étnico-
raciais no Ensino Básico

Cláudia Gomes Cruz

**DE PESQUISADORA À ESCRITORA:
OS IMPACTOS DE UMA PESQUISA ACADÊMICA NA
PRODUÇÃO LITERÁRIA INFANTIL**

Rio de Janeiro
2022



Cláudia Gomes Cruz

**DE PESQUISADORA À ESCRITORA:
OS IMPACTOS DE UMA PESQUISA ACADÊMICA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBA).

Orientadora: Sílvia Barros da Silva Freire

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

C975 Cruz, Cláudia Gomes

De pesquisadora à escritora: os impactos de uma pesquisa acadêmica na produção literária infantil / Cláudia Gomes Cruz. - Rio de Janeiro, 2020.

46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Silvia Barros da Silva Freire.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Literatura. 3. Antirracismo. 4. Educação Infantil. I. Freire, Silvia Barros da Silva. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Cláudia Gomes Cruz

**DE PESQUISADORA À ESCRITORA:
OS IMPACTOS DE UMA PESQUISA ACADÊMICA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBÁ).

Aprovado em: ____/____/____

Dra. Sílvia Barros da Silva Freire (Orientadora)
Colégio Pedro II

M.s. Michelle Botelho Silveira Lima (Membro Interno)
Colégio Pedro II

M.s. Mônica da Silva Gomes (Membro Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A todos os profissionais da educação que compreendem a importância de não se relativizar ou minimizar práticas racistas sob qualquer justificativa.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico, que me possibilitou continuar realizando trocas de conhecimentos acerca de questões tão caras para mim.

Às queridas, Ana Lúcia da Silva Raia, Claudenir Barreto de Carvalho e Maria Alice Garcia de Mattos pelos incentivos e alegrias compartilhadas;

À minha orientadora Sílvia Barros da Silva Freire pelo apoio e dedicação na construção desse percurso acadêmico que, de certo modo, também, tornou-se um percurso afetivo dadas as trocas respeitosas e incentivadoras durante as orientações.

À banca composta pelas Prof.s. Ms. Michelle Botelho Silveira Lima e Mônica da Silva Gomes, pela disponibilidade, generosidade e acolhida, bem como as contribuições destas, mulheres negras que compreendem a importância da luta antirracista, a este trabalho, que visa ser mais uma possibilidade e/ou estratégia de emergir potências negras.

Aos meus pais, Ivan Cruz e Lêda Gomes Cruz, pelo apoio incondicional.

Aos demais amigos que torceram para que eu concluísse com êxito mais este trabalho.

A Deus, por não me fazer desistir e pelos livramentos nesta jornada cansativa, mas rica e fundamental para o meu crescimento enquanto pessoa e profissional.

RESUMO

CRUZ, Cláudia Gomes. De pesquisadora à escritora: os impactos de uma pesquisa acadêmica na produção literária infantil. 2022. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico – EREREBÁ) – Colégio Pedro II, Pró- Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho de conclusão de curso versa sobre os impactos de uma pesquisa acadêmica na produção literária infantil, apontando os percursos de uma pesquisadora até a escrita literária infantil. Partindo do pressuposto que olhares afetuosos de crianças negras sobre si mesmas podem ser comprometidos por ideários sociais pejorativos propagados na sociedade brasileira, o intuito é romper com tais ideários pautados no racismo que estrutura a organização da sociedade como bem aponta Almeida (2018) e que há muito nos aflige e restringe, destacando as contribuições de mulheres negras na luta antirracista, bem como apontando a Educação Infantil como um terreno fértil para iniciarmos possibilidades outras do fazer pedagógico. Para tanto, através de um relato autobiográfico, será apresentado um livro infantil, que narra a história de uma menina negra, dona de uma autoestima contagiante, como uma das vastas possibilidades de subversões curriculares em diálogo com as preposições de Gomes (2012) sobre a necessidade de descolonização dos currículos e as ponderações de Rosa (2021) sobre a urgência de uma representação positiva através de uma literatura negro afetiva. A expectativa é de que este trabalho oferte incentivo para professores e pesquisadores divulgarem seus trabalhos que impactam e fortalecem a comunidade negra.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01. Renatinha – Capa	27
FIGURA 02. Renatinha – Quarta capa	30
FIGURA 03. Divulgação dos lançamentos.....,	32
FIGURA 04. Lançamento	33
FIGURA 05. Renatinha dando e recebendo afeto	33
FIGURA 06. Renatinha na Educação Especial	34
FIGURA 07. Renatinha fazendo arte com o 2º ano	35
FIGURA 08. Renatinha e Aliteração no 2º ano	35
FIGURA 09. Renatinha, 2º ano e GALE aprendendo juntos	35
FIGURA 10. Renatinha e Identidade	36
FIGURA 11. Renatinha e os alunos exercitando o corpo	37
FIGURA 12. Renatinha e famílias.....	37
FIGURA 13. Dramatização: Renatinha, Pitico e o coelho	38
FIGURA 14. Renatinha provando que “Amar a si mesmo é estupendo!”	38
FIGURA 15. Renatinha na E. M. Professor Quirino	39
FIGURA 16. Renatinha, Cláudia e Renata	40
FIGURA 17. Renatinha para os alunos	41
FIGURA 18. Renatinha é o poder!.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. PARA COMEÇO DE CONVERSA...É PRECISO CONFIAR NA SEMENTE.....	13
1.1. Justificativa.....	14
1.2. Objetivos.....	17
1.3. Aportes teórico-metodológicos.....	17
2. É PRECISO PLANTAR ANTIRRACISMO PARA COLHERMOS ANTIRRACISTAS	19
2.1. Mulheres negras e suas sementes.....	19
2.2. Educação Infantil: terreno fértil.....	23
3. RENATINHA E SEUS FRUTOS ANTIRRACISTAS.....	26
3.1. O plantio.....	26
3.2. O nascimento.....	32
3.3. Os primeiros frutos	34
3.3.1. Devolutivas.....	34
3.3.2. Visitas realizadas.....	39
3.3.3. Desdobramentos que estão por vir.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

INTRODUÇÃO

Como nasce uma pesquisadora? Como nasce uma escritora? São perguntas que, certamente, podem ter várias respostas a depender dos sujeitos indagados. Neste sentido, vale alertar que a intenção deste trabalho de conclusão de curso não é preescrever como tais processos acontecem, mesmo porque a intenção não é fazer juízo de valor sobre possibilidades outras, mas expor como no meu caso aconteceu, reverberou e tem reverberado na minha área de atuação que é a primeira etapa da Educação Básica. Posto isso, a expectativa é de que este trabalho final de conclusão de curso contribua, em certa medida, como incentivo para todos àqueles que não relativizam ou minimizam práticas racistas e como reflexões àqueles que ainda não compreendem a importância da luta antirracista.

Sou uma mulher negra, natural do Rio de Janeiro, moradora do subúrbio carioca, Professora de Educação Infantil na Prefeitura de Duque de Caxias, Professora Inspetora Escolar no Estado do Rio de Janeiro e Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAP-UERJ). Venho de uma família preta que, assim como a maioria das famílias pretas, precisou correr atrás da subsistência em virtude dos interditos históricos impostos à população negra, como: período de escravização, impedimento de acesso à educação, políticas de branqueamento e políticas que beneficiaram outros grupos, para citar alguns exemplos.

Início este trabalho desta forma para deixar evidente, ainda que sucintamente, o lugar de onde venho. Venho da brecha! Catarina Walsh no II Seminário de Formação Política do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas¹ (GPMC), realizado em setembro de 2018, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ao discorrer sobre a opção decolonial que, grosso modo, visa o rompimento com o eurocentrismo, pontuava sobre a necessidade de atuarmos pelas brechas já que, em muitas circunstâncias, con(viver) de forma equânime não nos é permitido. Neste sentido, considerando os interditos históricos que, ainda hoje, fazem muito dos nossos precisarem abrir mão da trajetória educacional, reafirmo que venho deste lugar, de uma brecha que se abriu graças às lutas dos que vieram antes de mim.

Sou a primeira de minha família próxima a cursar e concluir um curso de pós-graduação, no entanto, isso não seria possível se não fossem as privações econômicas de meus pais, em

¹ O Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas é um grupo interinstitucional que foi fundado por professores e apoiadores militantes nos movimentos sociais em 2011.

muitos aspectos, para que eu não desistisse da trajetória educacional... Quando ressalto sobre ser a primeira da família a ter concluído o Mestrado, por exemplo, sempre me parabenizam por este lugar. Contudo, sempre penso na demora, nas faltas de oportunidades que os meus tiveram e me pergunto: por quê? A resposta me parece óbvia... O racismo, a desigualdade e, conseqüentemente, a falta de brechas. Daí esse “status” de “primeira da família a ter concluído uma graduação e um curso de pós-graduação” torna-se inquietador e perturbador devido ao fato de, muitas vezes, ser reduzido ao mérito quando poderia, por exemplo, ser um questionamento, uma grita por mais brechas e, conseqüentemente, por mais espaços equânimes.

Nossas trajetórias são marcadas por lutas, brechas. Portanto, como não considerar que trajetórias, narrativas são saberes a serem considerados e investigados? Discorrer sobre isso em um trabalho de pós-graduação não é fácil, pois em alguns espaços acadêmicos a trajetória, a subjetividade dos sujeitos pesquisadores e/ou pesquisados não são consideradas como conhecimentos válidos, mas me permito fazer este pequeno relato, pois o considero importante para ampliação dos olhares sobre o que é educação, o que é considerado saber e, também, pelo fato do Programa de Pós-Graduação em Educação das relações étnico-raciais no Ensino Básico (EREREBÁ) ser um curso de especialização que pensa, age e sonha novos marcos civilizatórios, logo não se restringe a uma geopolítica do conhecimento, pois não limita o saber a uma via de mão única, pelo contrário, o expande a vias de várias mãos, ao compreender a potência de corpos negros e a necessidade de visibilidade de saberes plurais.

Cabe ressaltar que, em virtude da pandemia de Covid-19, o curso EREREBÁ de natureza presencial, que pelo calendário original iniciaria suas atividades em março de 2020, iniciou suas atividades, remotamente, em setembro de 2020 após reorganização das atividades, visto que a pandemia se estendeu por mais tempo do que imaginávamos.

O EREREBÁ, mais que um curso de especialização, exala aquilombamento, pois mesmo diante das condições adversas que se estabeleceram devido à pandemia de Covid-19, me encorajou, na figura do corpo discente e docente e, em especial, de minha orientadora Sílvia Barros a escrever sobre a experiência de publicar um livro infantil fruto de minha pesquisa de Mestrado, de modo que tal narrativa não seja somente o relato de uma professora pesquisadora que começou a escrever de forma literária e obteve êxito. Ou seja, o intuito não é apresentar ineditismo ou uma conquista pessoal, mas sim, relatar uma experiência a partir de uma metodologia autobiográfica, estimulando que outras, outros e outras assim também o façam. Que se encorajem a contar suas narrativas, de modo a impactarem, ensinarem e reverberarem potências negras, visto que narrativas e produções negras não são “mimimi”, “vitimismo” ou trabalhos “exóticos”, como algumas pessoas avessas às lutas antirracistas gostam de reduzir.

Enegrecer espaços, inclusive os acadêmicos, é preciso, já sabemos! Compreender corpos, narrativas e produções negras como saberes epistêmicos relevantes é urgente para que o padrão de intelectualidade na sociedade brasileira comece a nos (nós pretos, pretas e pretes) enxergar sem a lente da opressão e, conseqüentemente da hierarquização de saberes. Dito isto, reitero que o presente trabalho visa apresentar a obra Renatinha, desdobramento da pesquisa de Mestrado acima citada e que mais adiante será contextualizada no intuito de estimular meus pares a contarem, também, suas experiências assertivas na luta antirracista.

Na expectativa de trilhar caminhos que contribuam para as análises propostas, os capítulos deste trabalho final serão dispostos da seguinte forma: o capítulo 1, Para começo de conversa... É preciso confiar na semente, visando discorrer sobre a justificativa, os objetivos e os aportes teórico-metodológicos do presente trabalho; o capítulo 2, É preciso plantar antirracismo para colhermos antirracistas, visando apontar o pioneirismo de mulheres negras na luta antirracista e as contribuições na produção do conhecimento, bem como apontar a *Educação Infantil* como um terreno fértil para este fim e o capítulo 3, Renatinha e seus frutos antirracistas, visando discorrer sobre o processo de publicação da obra na expectativa de estimular atividades outras voltadas para o processo identitário de crianças negras .

1. PARA COMEÇO DE CONVERSA... É PRECISO CONFIAR NA SEMENTE!

Historicamente nunca foi eleita
 ou aceita,
 a rainha do lar,
 aquela para bajar.
 No popular,
 vivem a rotular:
 - É a que peita,
 não respeita,
 grita,
 se agita,
 se ajeita,
 se assujeita!
 Fica na espreita,
 insatisfeita!
 Tem quem a chame de raivosa:
 a nervosa.
 Escandalosa,
 fogosa!
 Só não dizem o principal:
 o tratamento desigual.
 Um príncipe
 nunca foi pra sua estirpe.
 Seu corpo preto?
 Território perfeito
 pra tocar, estuprar...
 Sem amar!
 No passado era por aí.
 No presente, conta aí!
 O que mudou?
 O mundo acordou?
 Ou no tempo parou?
 A mulher preta continua sendo rotulada,
 na sua dignidade violentada,
 nos tributos, a mais explorada.
 Essa mulher racializada,
 objetificada,
 permanece resistindo,
 construindo e (re)existindo.
 O mundo continua injusto e duro
 e a mulher preta pensando no futuro.
 Da luta,
 É protagonista!
 Da vida,
 é artista!
 Do seu corpo,
 define o escopo.
 Da sua fé,
 ela que sabe qual é!
 Dos estereótipos sobre ela
 - Vá a merda com chancela!
 Na trincheira ela está
 e continuará,
 pra que um dia as que virão,
 quem sabe, de opressão,
 vítimas não sejam não.
 Quem reivindica desde sempre,
 Confia na semEnte,
 Literalmente!
 (CRUZ, 2021, p.39-41)

Para começar o diálogo sobre os impactos de uma pesquisa de mulher negra na produção literária infantil e suas possíveis reverberações é importante contextualizar e compreender os percursos escolhidos para desenvolver o presente trabalho. Logo, é preciso tomar ciência da justificativa, dos objetivos e dos aportes teóricos-metodológicos aqui apresentados.

Fazendo uma pequena analogia, parto do entendimento que para plantarmos é necessário que confiemos na semente que temos em nossas mãos, ou seja, é preciso acreditar que apresentar narrativas outras desde a primeira etapa da Educação Básica corrobora para uma educação antirracista. Em outras palavras, parto do entendimento que se faz necessário desde sempre mostrar aos nossos alunos negros e não negros a história a partir da perspectiva dos que foram subalternizados e ainda hoje sofrem com estes apontamentos pejorativos.

Nesta ótica, destaca-se a importância de denunciarmos a hegemonia do poder e, conseqüentemente, a hegemonia do conhecimento, assim como, mulheres negras já fazem desde muito tempo. Mulheres estas que no ideário social, raramente, são apontadas como intelectuais. Como destaca hooks (1995) mesmo as que estão nas universidades tem seus saberes questionados ou reduzidos. “As intelectuais negras trabalhando em faculdades e universidades enfrentam um mundo que os de fora poderiam imaginar que acolheria nossa presença mas que na maioria das vezes encara nossa intelectualidade como suspeita”(HOOKS, 1995, p. 468).

Mudar este cenário é preciso, seja pelas brechas ou com o pé na porta!

1.1. Justificativa

Tomando por base que a educação brasileira, no que diz respeito à trajetória de pessoas negras, é composta de interditos e implementações de políticas públicas para outros grupos, frutos de um passado escravagista e da inoperância do Estado, que podemos inferir nunca esteve tão preocupado com o processo escolar de pessoas negras e a forma como estas foram objetificadas e receberam os mais diversos estereótipos pejorativos que, infelizmente, perpetuam até os dias atuais, este trabalho nasce devido estes apontamentos preocupantes e em virtude de minha prática como professora de Educação Infantil há aproximadamente 20 (vinte) anos, bem como do alinhamento com o meu objeto de estudos *stricto sensu*, Trajetórias de vida de mulheres negras e suas colaborações para a (re)Educação das relações étnico-raciais onde foram entrevistadas três mulheres negras, profissionais da educação.

A pesquisa citada e o audiovisual Nós somos porque somamos que a integra, além dos objetivos que aqui não cabem aprofundar, possibilitam reflexões sobre a autoestima de meninas

e mulheres negras, visto que as trajetórias de vida das mulheres entrevistadas perpassaram a trajetória escolar e as três relataram experiências da época de meninas e seus olhares sobre aquelas situações vivenciadas, assim como expectativas e angústias no combate à luta antirracista. E, por que citar esse trabalho?

A intenção é dar continuidade a ele através do aprofundamento de outra perspectiva: a importância de narrativas que prestigiem a beleza e a potência de crianças negras a fim de incentivar relações e ações que colaborem para a construção de uma autoestima positiva em relação a tais crianças, uma vez que acreditamos que este processo de gostar de si é um processo individual e também coletivo a medida que somos seres que vivemos em sociedade. Desta forma, o presente trabalho final do curso EREREBÁ visa estimular produções negras e ações antirracistas, apontando possibilidades outras de se ver, viver e conviver.

Durante algumas aulas do EREREBÁ a discussão acerca de olhares pejorativos em relação às pessoas negras e suas produções foram importantes para ratificar o interesse de pesquisar esse viés a partir do recorte da Educação Infantil. Neste sentido, partindo da hipótese/compreensão de que estereótipos precisam ser combatidos no âmbito da sociedade e que, sendo a escola um direito de todos, acredito que tais estereótipos jamais devem ser tolerados ou minimizados no espaço escolar. Portanto, é fundamental que práticas que inibam ou excluam nossas crianças sejam descolonizadas desde a Educação Infantil.

Infelizmente, ao longo de minha vida profissional, nem sempre estive atenta às pautas raciais, pois também fui, por muito tempo e ainda sou, atravessada pelo racismo, o que, no meu caso, me impossibilitou de perceber com nitidez determinadas práticas excludentes. Considero que sabia ser negra, mas me tornei, de fato, negra quando consegui nomear certos “incômodos”. Quando não os nomeamos e não compreendemos as estruturas de poder que tendem a nos interditar, estereotipar e menosprezar a luta torna-se desleal. Contudo, atualmente, tenho ciência disso, o que me possibilita reconhecê-las em algumas situações e combatê-las, ainda que pelas brechas. Em outras palavras, enquanto criança, adolescente e em parte da vida adulta sentia, mas não sabia nomear determinadas práticas, dentre elas, a prática racista. Revisitando minha trajetória escolar, recordo que não me sentia bela e boa o suficiente por não estar próxima dos padrões eurocêntricos. Na época, não entendia bem o porquê. Só sentia! No entanto, com base nas construções e nos entendimentos de hoje sobre as interdições e os apontamentos pejorativos relacionados às pessoas negras consigo perceber que meu incômodo tinha e têm nome: racismo.

Enquanto professoranda a nível médio e graduanda no Curso de Pedagogia, raríssimas foram as aulas que abordaram a questão racial. Forçando a memória, não recordo de nenhuma, mas é possível que uma ou outra tenha acontecido, porém isto não diminui o fato de que esta

seja uma ausência perigosa. Adichie (2009) adverte sobre o perigo da história única, ou seja, adverte sobre o perigo de não apresentarmos perspectivas outras sobre a história negra. Contar a perspectiva pelo viés negro e não, somente, pelo viés do colonizador é importante, pois se o racismo existe, se ele adentra as escolas, se ele inferioriza pessoas em virtude da raça é fundamental denunciá-lo e trazer uma visão outra sobre a África e cultura afro-brasileira.

Em relação a esta visão outra sobre a nossa história, isso não foi o que aconteceu comigo enquanto estudante da Educação Básica, bem como graduanda de um curso voltado para área da Educação e, possivelmente não é o que aconteceu e, talvez, ainda aconteça com muitos estudantes e futuros professores. Partindo desta premissa, é fundamental que a cultura afro-brasileira adentre as escolas desde a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, mesmo que a obrigatoriedade da Lei N° 10639/2003 que dispõe sobre a inclusão da cultura afro-brasileira nos currículos escolares só seja “cobrada” a partir do Ensino Fundamental. As aspas se devem ao fato da referência ser a cobrança legal (prevista em lei) e não a cobrança institucional (que analisaremos), pois esta última é outra peleja!

A justificativa deste trabalho é simples e objetiva: o racismo não espera, ele opera. E, por isso, a insistência de começar cedo a valorização da cultura que se rejeita, a aceitação dos cabelos que julgam feio e duro, ou ainda, o entendimento do direito de corpos negros ocuparem espaços que não os desejam.

As motivações para este trabalho, dentre as questões já apresentadas, também perpassam pelo meu primeiro choque de realidade lecionando para Educação Infantil. No Município de Duque de Caxias, onde atuo desde 2008, ouvi de um aluno de três anos algo que me impactou:

Trabalhávamos a história Menina Bonita do Laço de Fita², de Ana Maria Machado, que possui uma personagem negra e ele disse que a menina era burra porque era preta e que ele não era preto. O aluno em questão era negro. Foi impactante ouvir de uma criança daquela idade o que ouvi. Em uma leitura, mais adulta, que negro não tem capacidades intelectuais e o seu desconhecimento de si mesmo. Até hoje recordo o nome e o rosto dele. Fiz questão de valorizar ainda mais aquele momento e outros que foram oportunizados, falando em uma linguagem própria para a faixa etária da nossa beleza e da nossa capacidade, bem como do respeito às diferenças e sobre a riqueza da diversidade, mas ainda hoje me pergunto se após a sua saída da Creche outros não inculcaram novamente na mente daquele menino a inverdade de que preto é burro e que ele não é negro. (CRUZ, 2020, p.18)

² A história é protagonizada por uma menina negra que usa um laço de fita no cabelo e que desperta a paixão de um coelhinho. Tal obra, gera críticas positivas e negativas. Positivas, para aqueles que a interpretam na perspectiva de fomentar a diversidade, e negativas visto que a fita inserida no cabelo, na percepção de muitos, reforça a ideia que a beleza da menina provém da fita e não de seu fenótipo. Hoje, com as construções que possuo, optaria por outra história, sem desmerecer as contribuições que este livro à época me trouxe. (CRUZ, 2020, p.18)

Nossos pequenos aprendem a se odiar desde muito cedo e em ambientes diversos. Por isso, a urgência de apresentar uma outra história para eles, que os possibilitem desenvolverem olhares afetuosos sobre si. Nesta ótica, compreendendo os estereótipos como uma prática racista que pode inibir a autoestima de crianças negras e prejudicar seus percursos escolares, como subverter tais práticas?

1.2. Objetivos

Diante da problemática apresentada, os objetivos da pesquisa caminham ao encontro de possibilidades de subversão. O objetivo geral consiste em analisar as implicações positivas de falas e escutas outras na construção da autoestima de crianças negras na Educação Infantil a partir da narrativa (produção) de mulheres negras.

Já os específicos consistem em:

Apontar as contribuições de mulheres negras na luta antirracista; destacar as contribuições da Lei Nº 10639/2003 e da Resolução Nº 01/2004 no âmbito da Educação Infantil; ressaltar a importância de práticas profissionais educativas coerentes com uma educação antirracista, apontando algumas subversões curriculares possíveis.

1.3. Aportes teórico-metodológicos

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis as nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p.48).

Para tratar de questões tão caras, optou-se pela metodologia autobiográfica, que consistirá no resgate de como se deu a produção de Renatinha, obra infantil, que será apresentada no capítulo 3 com as primeiras impressões e os possíveis desdobramentos curriculares. Desta forma, a partir de pesquisa realizada anteriormente, a proposta é apresentar um livro infantil, que dialogue com a importância da representação positiva de meninas negras, destacando as ausências e, principalmente, as urgências de narr(ativas) descolonizadas visando corroborar para construção de olhares afetuosos sobre si e sobre os outros.

Em relação aos aportes teóricos, serão utilizados: hooks (1995) que discorre sobre os entraves na passabilidade de intelectuais negras; Carneiro (2003) que compreende mulheres

negras como sujeitos políticos e históricos, Almeida (2018) que organiza o pensamento acerca do racismo estrutural, porém evidencia que este atravessa as instituições, uma delas, a escola. Ou seja, apresenta as nuances deste sistema de poder que se dá também a nível institucional e individual, mas que tenta nos sufocar estruturalmente, em virtude da organização política, econômica, jurídica e ideológica da sociedade. Cavalleiro (2020) que discute as interseções entre o silêncio e o racismo; Gomes (2012) que discorre sobre a necessidade de descolonizar currículos. E, também, Rosa (2021) que discute sobre a importância de uma literatura negro afetiva.

2. É PRECISO PLANTAR ANTIRRACISMO PARA COLHERMOS ANTIRRACISTAS

“Precisamos ter coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado”(FANON, 2008, p. 90). Logo, precisamos reconhecer e ter coragem de denunciar práticas racistas.

2.1. Mulheres negras e suas sementes

Certa vez uma mulher negra chamada Isabella Baumfree, que adotou o nome de Sojourner Truth, participou de uma convenção sobre os direitos das mulheres no de 1851 e pediu a palavra quando um homem estava discursando. O homem em questão dizia que as mulheres não precisavam de direitos, mas sim, precisavam e deveriam ser tratadas com todas as “pomposas”. Que os homens deveriam ajudá-las a subir na carruagem, a dar os melhores lugares e tantas outras gentilezas. Foi quando Truth interrompeu o cidadão e começou o seu discurso conhecido como “E eu não sou mulher?”:

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer (RIBEIRO, 2017, p. 22-23).

A narrativa reproduzida acima é um exemplo que possibilita a percepção de que mulheres negras estavam reivindicando o direito de terem sua dignidade respeitada desde muito tempo. No entanto, mulheres como Truth não são visibilizadas e não têm, muitas vezes, seus conhecimentos validados pela sociedade em geral. E por quê? Por que o discurso do tal homem não levava em consideração mulheres como Truth? Por que não levar em consideração o discurso de mulheres que foram escravizadas e que estavam nas brechas lutando suas batalhas e a dos seus? Por que não levar em consideração que mulheres como Truth não eram tratadas como a rainha do lar, como alguém para se bajular ou como mulheres dotadas de intelectualidade?

Antes de Truth, certamente, outras já reivindicavam suas existências. Depois dela, também. Pensando no âmbito brasileiro, podemos citar: Dandara de Palmares, Luísa Mahin, Carolina Maria de Jesus e tantas outras. No entanto, cá estamos nós, em 2022, precisando evidenciar a potencialidade de tais mulheres porque a resposta para as questões acima perpassam pelos processos históricos desumanizantes, bem como pela manutenção de opressões estruturais, como: o racismo, o sexismo e a desigualdade social, em nossa sociedade.

Almeida (2018), quando discorre sobre o racismo estrutural, aponta que a organização da sociedade nos seus aspectos políticos, sociais, ideológicos e jurídicos corrobora para a perpetuação do status quo. Em outras palavras, corrobora para a manutenção de pessoas negras na condição de subalternidade. Nesta ótica, compreender o racismo como estrutural é fundamental para que as unidades escolares que visam combatê-lo no âmbito institucional tenham ciência de que ele é um sistema de poder e, por isso, a luta não é pequena, é árdua e necessária. Portanto, visibilizar corpos e saberes pretos a fim de potencializar a autoestima, a representatividade e, acima de tudo, epistemologias outras através de narrativas negras é fundamental para o rompimento de uma geopolítica do conhecimento. Sendo assim, deixar falar e ouvir quem vem reivindicando o direito de existir com humanidade é indispensável.

Kilomba (2019), a partir da indagação “quem pode falar?”, de certo modo, discorre acerca do cerceamento em relação às falas de pessoas negras advindo deste sistema de poder que tem como um de seus objetivos desconsiderar tais pessoas enquanto intelectuais e produtoras de conhecimentos. Afinal, uma das faces do racismo é invisibilizar (e, às vezes, descartar) corpos e conhecimentos negros, pois esta tecnologia do poder não admite outro poder de mando.

Se focarmos na figura da mulher negra, é possível fazer um alinhavo entre as contribuições de Almeida e Kilomba com o que hooks (1995) aponta: a relação entre o racismo e o sexismo. De acordo com ela, a visão sobre as mulheres negras foi construída a partir do

corpo (corpo incapaz de produzir teoria) e isso dificulta e descredibiliza tais mulheres em relação à intelectualidade, uma vez que a construção social que a maioria das pessoas apresenta as leva a crer em padrões de intelectualidade: gênero masculino, classe privilegiada e raça branca. Nesta perspectiva, hooks (1995) destaca como é difícil ser uma mulher negra intelectual, haja vista que nossa existência e potência são questionadas na maioria das vezes. Afinal, vivemos e sobrevivemos em um mundo branco onde o patriarcado dita quem é e quem não é produtor de conhecimento.

A despeito de toda essa construção introjetada na sociedade, mulheres negras produzem e compartilham conhecimentos, pois, nas palavras de Carneiro (2003), são sujeitos históricos e políticos. “Sujeitas” que questionam, reivindicam, não se calam! E, por falar em questionamento, Carneiro (2003) faz o seguinte: “de que mulheres estamos falando?”. A pergunta é uma provocação as reivindicações do movimento feminista que não considerava todas as categorias de mulheres.

Carneiro (2003) evidencia que o feminismo hegemônico, com características mais universais, não contemplava mulheres negras e, por isso, pontua a necessidade de enegrecermos o feminismo. E, ao enegrecermos, romperrmos com padrões de intelectualidade e inserirmos mulheres negras na categoria de produtoras de conhecimento, bem como darmos visibilidade as suas produções. Neste sentido, um outro alinhavo é possível: o pensamento feminista negro em diálogo com a opção decolonial, pois ambos, de certo modo, visam uma nova forma de conviver na sociedade. Formas estas que não interditem grupos que são segregados por não comporem o modelo hegemônico posto.

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo. Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto (RIBEIRO, 2017, p. 43).

Desta forma, o pensamento feminista negro e a opção decolonial são epistemologias que nos possibilitam pensar novos marcos civilizatórios a medida que possibilitam inserir mulheres negras no centro. Não se trata de substituir uma epistemologia eurocentrada pelo feminismo

negro, por exemplo, mas dar às mulheres negras o lugar que merecem e que por muito tempo lhes foi negado.

Hooks (1995) aponta um outro aspecto importante:

De fato quando exercemos um trabalho intelectual insurgente que fala a um público diverso a massas de pessoas de diferentes classe raça ou formação educacional nos tornamos parte de comunidades de resistência coalizões que não são convencionais O trabalho intelectual so nos aliena de comunidades negras quando não relacionamos ou dividimos nossas preocupações por miríades de interesses (HOOKS, 1995, p, 476)

O trabalho intelectual precisa reverberar nas comunidades, no nosso grupo social de pertença. Ou seja, precisa ir além da academia e atingir as massas visando modific(ações) estruturais. Para tanto, “as intelectuais negras comprometidas com práticas insurgentes têm de reconhecer o apelo para falar abertamente sobre a vida intelectual como a conhecemos sobre nosso trabalho como uma forma de ativismo”(HOOKS, 1995, p. 477).

Para citar um exemplo de trabalho intelectual que reverbera ou deveria reverberar nas comunidades, podemos citar a intelectual Carolina Maria de Jesus. Mulher negra, escritora, poetisa, compositora que através de sua realidade denunciou as mazelas da favela, bem como as dificuldades de se manter visível em uma sociedade racista, sexista e desigual.

Natural de Sacramento, Minas Gerais, Carolina, de origem pobre, estudou apenas dois anos e, mesmo assim, apaixonou-se pela leitura e pela escrita. Após a morte da mãe, foi tentar a vida em São Paulo e lá, depois de algum tempo, acabou tornando-se catadora de papel na favela do Canindé para sustentar a si e os filhos. Apesar da dor de, muitas vezes, não ter o que comer, da falta de condições básicas de moradia, registrava nos papéis que encontrava no lixo o seu dia a dia na favela, as dificuldades de viver ali, suas dores, seus sofrimentos, suas angústias, seus sonhos. Escrevia com a sua verdade de mulher negra que vivia num lugar onde ela dizia que despejavam tudo o que era ruim.

Quando, enfim, o mundo soube de Carolina e seus escritos, ela ganhou visibilidade, porém momentânea. O lançamento do livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada foi um sucesso, porém não o suficiente para deixarem de estereotipar Carolina e sua potência. Ainda hoje é resumida por muitos apenas como uma mulher preta favelada que escreveu um livro, mesmo ela tendo escrito outros livros, poemas, compondo, criando peças de teatro... Mesmo ela ecoando a grita dos seus.

Ser negra num mundo dominado por brancos, ser mulher num espaço regido por homens, não conseguir fixar-se como pessoa de posses num território em que administrar o dinheiro é mais difícil do que ganhá-lo, publicar livros num

ambiente intelectual de modelo refinado, tudo isso reunido fez da experiência de Carolina um turbilhão (MEIHY & LEVINE, 1994, p. 63).

Um turbilhão de preconceitos, de interditos! A tentativa de invisibilização definitiva de Carolina e tantas outras escritoras como ela é grande, porém nunca será possível enquanto houver resistência e esta impactar a coletividade. Uma coletividade que resiste, torna visível o que muitos tentam apagar.

É importante destacar que pessoas negras, mulheres negras, resistem e estas resistências dão frutos. Então, é fundamental mencionar que as conquistas legais, como a Lei Nº 10639/2003 que inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e a Resolução Nº 01/2004 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, são frutos dessa resistência e das reivindicações por direitos, nas quais mulheres negras estiveram e estão presentes.

2.2. Educação Infantil: terreno fértil

A Educação Infantil, prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/96, apesar de compor a primeira etapa da Educação Básica e marcar o início da vida escolar dos discentes, ainda é vista, por boa parcela da população, como inferior às demais etapas de ensino sob a justificativa de que é uma fase de brincadeiras somente. O discurso e os estudos sobre a importância da brincadeira e seus benefícios no desenvolvimento de crianças pequenas têm colaborado bastante para ampliação deste debate. No entanto, um outro debate que consideramos fundamental, a questão racial na educação infantil, ainda é evitado em muitos cotidianos, inclusive, por alguns pares que consideram o trabalho voltado para a valorização da cultura negra impróprio para os pequenos, muitas vezes, utilizando a justificativa da brincadeira. Ora estão na fase da brincadeira e a discussão é complexa para entenderem. Ora práticas racistas nos ambientes escolares são reduzidas às brincadeiras. Ou seja, de uma forma ou outra o racismo parece se resumir a uma "piadinha inofensiva" impossível de combater ou invisível a ponto de não se perceber.

O foco do debate deste trabalho não é a brincadeira, que sabemos ter relevância significativa no desenvolvimento das crianças. A brincadeira foi utilizada como exemplo a fim de percebermos como esta narrativa ou a falta de narrativas outras nos limita a combater um problema estrutural. Outra justificativa é a não obrigatoriedade da aplicabilidade da Lei Nº 10.639/2003 na Educação Infantil. E a esta seguem-se tantas outras que corroboram para

perpetuação de práticas excludentes. Infelizmente, são utilizados os mais variados argumentos, sem consubstancialidade, para não trabalharmos a diversidade para além do previsto no papel.

Seria extraordinário que não precisássemos de uma legislação para tratar de questões tão caras, como o respeito às diversas identidades, histórias e culturas. No entanto, em um país racista como o nosso isso não foi e ainda não é possível.

A Lei Nº 10639/2003, posteriormente modificada para Lei Nº 11645/2008 que altera a LDB Nº 9394/96, incluindo a obrigatoriedade da cultura afro-brasileira e indígena nos currículos, na maioria das unidades escolares, quando trabalhada, é a partir do Ensino Fundamental. Logo, ampliar esse conteúdo à Educação Infantil pode ser a brecha primeira para o combate às práticas excludentes. No entanto, para que esta brecha se abra realmente é fundamental afetar o outro, estabelecer relações dialógicas, assim como propunha Freire (2016), para que o processo ensino-aprendizagem seja de fato um ato amoroso e não doloroso.

Cavalleiro (2020) evidencia na obra Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil a pesquisa que realizou em uma unidade escolar de São Paulo. Durante oito meses observou a dinâmica do pré-escolar atenta ao relacionamento dos alunos não negros e das docentes com os alunos negros e também entrevistou algumas professoras. As devolutivas, no entanto, não foram animadoras, pois as observações e os relatos dos entrevistados deixaram evidente o quanto ainda precisamos avançar no que diz respeito ao trato às diferenças raciais.

Neste sentido, Cavalleiro (2020) destaca:

O entendimento da problemática ética no cotidiano da educação infantil é condição *sine qua non* para se pensar um projeto novo de educação que possibilite o desenvolvimento e a inserção social dos futuros cidadãos da nação brasileira, desenvolvendo neles um pensamento menos comprometido com a visão dicotômica de inferioridade/superioridade dos grupos étnicos. A possibilidade de as crianças receberem uma educação de fato igualitária, desde os primeiros anos escolares, representa um dever dos profissionais da escola, pois as crianças dessa faixa etária ainda são desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor. E tornam-se vítimas indefesas dos preconceitos e estereótipos transmitidos pelos mediadores sociais, dentre os quais o professor. (CAVALLEIRO, 2020, p. 37)

Ouso discordar do termo “desprovidas de autonomia” utilizado pela autora, pois acredito que é possível, ainda que raro, que algumas crianças pequenas consigam driblar (sentir, mas não internalizar, assim como, Renata que conheceremos no próximo capítulo) as falácias de determinados professores e colegas em relação às suas potencialidades. Contudo, ressalto a importância e a urgência de compreender a importância de tais problemáticas no cotidiano escolar levantadas pela autora, visto que estes mediadores sociais podem, com sua ação ou

isenção, colaborar negativamente para o retardo no desenvolvimento e/ou na imagem positiva de crianças negras sobre elas mesmas.

Uma das professoras entrevistadas por Cavalleiro (2020) destaca a questão da higiene para justificar o afastamento de pessoas não negras em relação a pessoas negras. A entrevistada atrela o preconceito ao suposto mau cheiro que, segundo ela, pessoas negras possuem. Como não atrelar esta fala à ausência de afetividade? Como não atrelar esta fala a uma prática racista? Como não considerar que esta fala pode inibir o desenvolvimento de um aluno/a?

Diante destas questões, duas outras surgem: como não considerar e implementar a Lei Nº 10.639/2003 na Educação Infantil? E ainda, como não criar estratégias de reeducação das relações que se dão no cotidiano escolar como propõe as Diretrizes Curriculares para educação das relações étnico-raciais? Para responder tais questões, acreditamos que se faz necessário que o professor/a, antes de afetar positivamente seus alunos, seja afetado pela história da cultura negra ao ponto de perceber a necessidade e a urgência de práticas antirracistas.

Ainda fazendo uso das contribuições de Cavalleiro (2020), a convivência multiétnica não é levada em consideração por muitos profissionais, e assim, o debate em muitos cotidianos é ausente. Logo, podemos inferir que a convivência multiétnica não garante visibilidade, tampouco respeito à diversidade. Neste sentido, é nítido que a ausência da pauta racial em formações iniciais, formações continuadas, debates e ações curriculares consubstanciais são entraves perigosos, bem como a falta de sensibilidade a questões humanas tão caras, pois conhecer não é se envolver.

Estamos, portanto, em um campo de tensões e de relações de poder que nos leva a questionar as concepções, representações e estereótipos sobre a África, os africanos, os negros brasileiros e sua cultura construídos histórica e socialmente nos processos de dominação, colonização e escravidão e as formas como esses são reeditados ao longo do acirramento do capitalismo e, atualmente, no contexto da globalização capitalista. (GOMES, 2012, p.106)

Trazer discussões que a maioria acredita não serem necessárias pode provocar tensões. Contudo, mudanças não se realizam sem tensões, debates e ações. Sendo assim, consideramos que para afetar é necessário localizar as feridas, tocá-las e tratá-las para um dia podermos curá-las. Por isso, no próximo capítulo, será apresentada uma obra infantil visando este fim.

A expectativa não é que o referido livro seja apresentado como um modelo ou uma referência obrigatória para as atividades com as crianças pequenas, mas sim uma das inúmeras possibilidades de subversões curriculares que como educadores podemos fazer uso para mostrar narrativas distintas das eurocentradas, que por muito tempo impactaram na autoestima de crianças negras e supervalorizaram a de crianças brancas ao ponto de algumas delas se considerarem superiores. Portanto, adiante vamos da teoria à ação a partir de Renatinha.

3. RENATINHA E SEUS FRUTOS ANTIRRACISTAS

*O que Renatinha também tinha
e ninguém sabia
eram poderes especiais
que vinham de suas ancestrais*

3.1. O plantio

O livro infantil, Renatinha, que será apresentado a seguir, não nasceu por acaso. E, neste sentido, antes de iniciar a explanação sobre ele, segue uma apresentação em versos de Renata da Conceição Vergilho de Paula, que serviu de inspiração da referida obra infantil:

Renata é estimuladora materno-infantil
Que se intitula pertencente da tradicional família preta do Brasil
Por conta das constantes tentativas da branquitude em estereotipar,
Pessoas e famílias pretas, predefinindo os lugares que podem ocupar.

Durante seu trajeto na escola
Foi alvo de apelidos relacionados a cor de sua pele
Contudo, não os internalizou.
A autoestima ajudou.

Dona de uma autoestima estimulante,
Ela que brinca ser a última paleta do tom de cor,
Considera que para ser negro no Brasil
É necessário ser da sua cor.

Mesmo julgando a prática do racismo óbvia,
Demonstra preocupação com a negritude e parte da população,
Pois acredita que o colorismo confunde,
Fazendo com que muitos não reconheçam o racismo e sua amplitude.

Não se considerava inatingível em relação as ofensas na escola,
Mas entendia que eram mais sobre quem as proferia do que sobre ela
A despeito disso tudo, destaca que criava tendências,
Inovando modelitos e penteados diferentes dos padrões predeterminados.

Maria, além de mãe, é o seu maior exemplo,
Sua grande incentivadora.
Tem grande influência no seu pensar e portar
Diante da sociedade que aí está.

Gosta de usar salto quinze,
Dar nome ao samba,
De preparar o cozido,
Mas entende que vai além disso.

Entende que mulheres negras
São constantemente estereotipadas
E que tais banalidades
Não traduzem a extensão de suas habilidades.

Cita a vivência enquanto passista:

Uma experiência que traz boas recordações e também reflexões,
 Porque muitas vezes ao defender a agremiação,
 Foi vítima de objetificação.

Cita também, experiências exercendo sua função na área da Educação,
 Relembra dos olhares e falas depreciativas acerca de seu turbante e fio de conta,
 Dos livros sobre a cultura africana, proibidos de serem utilizados,
 Que denotam que a diversidade e a laicidade do Estado, muitas vezes, são direitos violados

Renata não é uma heroína
 E também não é uma vítima
 Mas algumas percepções podemos ter: é irreverente e segura para valer!
 Renata é quem ela quiser ser, podes crer!
 (CRUZ, 2020, p. 154)

Os versos acima não pretendem resumir a pessoa de Renata, mas apresentá-la, ainda que superficialmente para que seja possível compreender o porquê da necessidade da pesquisadora tornar Renatinha visível para o mundo.

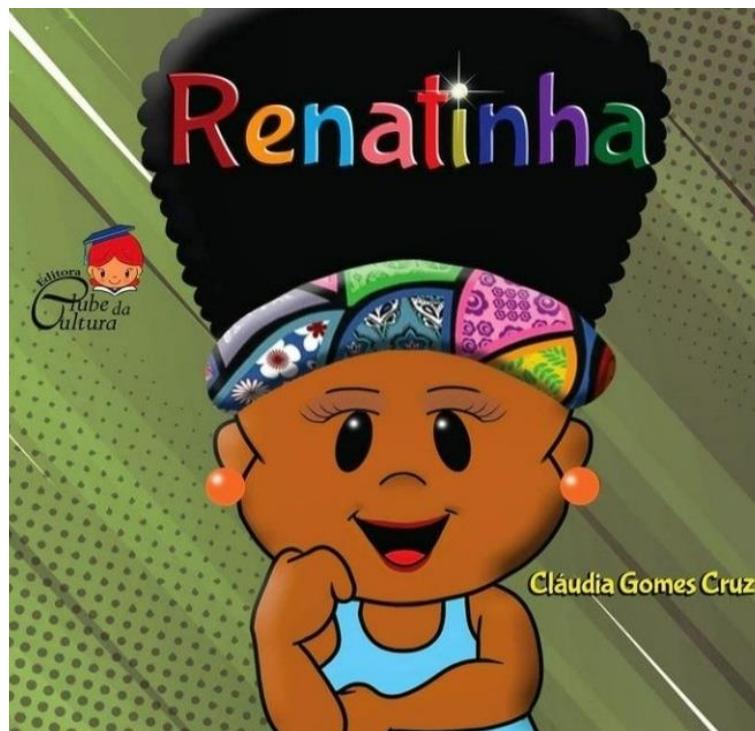


FIGURA 1. Renatinha – Capa

A obra Renatinha é um dos desdobramentos da pesquisa e do produto educacional (audiovisual), desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB) do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) intitulada Trajetórias de vida de mulheres negras e suas colaborações para a (re)Educação das relações étnico-raciais e Nós somos porque somamos, respectivamente.

Defendida em setembro de 2020, a referida pesquisa consistiu na investigação do impacto de trajetórias de mulheres negras na trajetória de outros sujeitos e, conseqüentemente, suas colaborações para (re)educação das relações étnico-raciais. Contudo, não foram quaisquer mulheres objetos de estudo. Foram entrevistadas mulheres negras, profissionais da educação, que se autodeclararam conscientes da própria identidade racial e da necessidade da luta antirracista. Três mulheres que narraram suas trajetórias de vida, perpassando a trajetória escolar e manifestaram suas visões sobre a educação e, por que não dizer, de mundo a partir dessas trajetórias.

As narrativas das três colaboraram e colaboram para diversas reflexões, inspirações de poemas, histórias e indefinidas outras possibilidades. E, assim, a primeira história infantil escrita pela autora do trabalho nasceu, a partir da entrevista concedida pela educadora Renata da Conceição Vergilho de Paula. As outras duas também são inspirações de histórias, contudo, era necessário reverberar e traduzir em narrativa outra o primeiro contato com Renata, bem como a entrevista e os conhecimentos advindos destes encontros para os nossos (leia-se pessoas negras e não negras aliadas na luta antirracista).

O primeiro contato com Renata foi muito impactante. Ele se deu em uma Creche Municipal situada no 1º distrito da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias onde atuo como professora regente desde 2008. Renata, recém-chegada à Unidade Escolar, já havia se apresentado a praticamente todos, mas não a mim. Quando chegou até a sala onde estava o encanto foi à primeira vista, pois Renata esbanjava sorriso, leveza e beleza. Após as apresentações, perguntei a ela se gostaria de colaborar em uma pesquisa em andamento, inicialmente, respondendo um questionário exploratório. O documento consistia em perguntas para inferir se as mulheres correspondiam as que procurávamos. O fato é que depois do convite realizado e aceito, comecei a refletir sobre o porquê de fazê-lo com tanta impulsividade, que não é meu habitual.

Depois de uma série de reflexões, o conhecimento da história de vida e o convívio com Renata consegui compreender o porquê de tê-la convidado tão espontaneamente... No meu rol de amizades e interações sociais, nunca tive o contato com um a mulher negra de pele escura (por alguns denominada, pele retinta) com tanta autoestima como Renata. Cheguei à conclusão que meu encantamento inicial por Renata era fruto do que a figura daquela mulher negra retinta, alta, sorridente e carismática estava simbolizando naquele espaço: um corpo negro que fala, que potencializa, um corpo representativo.

Tenho planos de elaborar mais histórias infantis, pensando nas outras duas mulheres entrevistadas, porém precisava começar por Renata. Em vários trechos da entrevista, que pode

ser verificado no Portal Educapes, a educadora nos leva a reflexões sobre a importância da autoestima de meninas, jovens e mulheres negras nos advertindo que saber-se negra, bonita, potente desde pequena é essencial...

Renata ao ser questionada se sofreu racismo na escola relata sobre as relações no Ensino Fundamental:

Que negro nunca no Brasil? [...] Na minha época eu era zoada, tinha apelido, né? [...] Era meia-noite. Meia-noite foi o que mais me marcou assim, que pegou todo o meu ensino fundamental, sabe? Mas, assim, eu também, eu não lembro de ter lidado com isso com, sabe? Não foi uma coisa que me depreciou, foi uma coisa que atinge porque é uma ofensa, é uma ofensa direta e tudo. Você não é inatingível, mas não é uma coisa que eu trouxe pra minha vida porque eu sempre, eu sempre me destaquei, assim, na escola, eu sempre fui engajada, eu sempre fui envolvida ali, então, assim, pra mim eu entendia que aquilo era uma coisa muito dele, da pessoa, das pessoas que faziam, partiam muito, era mais sobre eles do que sobre a minha pessoa, sabe? E eu tenho e tinha uma autoestima muito boa apesar de ter passado por tudo isso. Então eu passei muito bem por isso diferente de muitas pessoas que não, que levam isso pra vida (RENATA, 35 anos).

Posteriormente, sobre o Ensino Médio:

Eu ditava moda. Eu chegava no curso normal com a minha boina azul marinho, né? Com aquele uniforme de normalista e era aquilo: minha boina que eu comprei no brechó e ia toda linda, toda empoderada, desfilava. Era risos, era apontamentos e eu não tava nem aí. Eu tava me achando e eu achava que aquilo era tendência e as pessoas me zoavam pra caramba e no final tava todo mundo tendência. [...] Eu nunca gostei de ser a padrão não. Eu fugia total do padrão. Era um cabelinho assim: eu tinha um cabelo bem baixinho assim. Eu passava papel crepom vermelho que tinha uma coloração que só o meu cabelo tinha e toda, eu lembro uma época que a escola toda passou a passar papel crepom no cabelo e ficava uma cor, um brilho, menina, era uma doideira (RENATA, 35 anos).

Quando acima menciono que precisava começar por Renata julgo que se deve ao fato dessas falas, em especial, me chamarem atenção e me fazerem, no ato da entrevista e após pensar como seria se em meu percurso escolar tivesse tido uma colega de turma como ela, que mesmo sentindo a dor pelas palavras, muitas vezes, ofensivas dos colegas sabia que tais apontamentos eram mais sobre eles do que ela, que, em nenhum momento, nega que dói, mas afirma o tempo todo que sabia quem era, que gostava e gosta de si como é.

Com isso, a narrativa de Renata me despertou algo (que ficou no lugar da inquietação que eu não sabia muito bem como aquietar). Passada a defesa da dissertação, que ocorreu em setembro de 2020, comecei a ponderar como seria interessante trazer a fala de Renata para o meu contexto de professora de Educação Infantil. Isto se juntou a um desejo meu que é tentar, de alguma forma, colaborar, pelo menos, um pouco para que crianças negras não demorem tanto pra se verem, se sentirem belas e potentes como eu demorei.

Mas, como transpor aquela fala adulta pra uma linguagem para crianças? Através de um livro infantil. E, assim, em um dia de quarentena, março de 2021, escrevi Renatinha inspirada em Renata que, além das reflexões importantes que trazia sobre a importância da autoestima, de gostar de si do jeito que se é, também apresentava a figura da mãe como uma ancestral fundamental para este seu posicionamento desde criança e, por este motivo, a personagem possui poderes especiais advindos de suas ancestrais.



FIGURA 2. Renatinha - Quarta capa

Considero importante pontuar que a personagem Renatinha não é uma menina que se descobriu bela, ela já nasceu se amando. Não pretendo aqui fazer objeções a histórias com este viés, pois, inclusive, me identifico com eles. No entanto, retratá-la desta forma não seria Renata/Renatinha (inspiração/obra), pois Renata durante a entrevista deixou evidente que desde pequena sempre se amou, e que esse amor foi, de certo modo, como já evidenciado, ensinado pela mãe. Logo, Renatinha é uma menina que ama sua cor de pele, seus traços, ama o reflexo de seu rosto no espelho desde sempre. E, por isso, também, senti necessidade de retratar sua autoestima como um poder, pois no contexto da sociedade que vivemos, pessoas negras gostarem de si, não internalizarem a enorme quantidade de estereótipos que existem por aí sobre nós, de fato, é um poder.

Neste emaranhado de ideias, lembrei de uma fala em um curso ou uma palestra em que deram um exemplo sobre personagens de histórias em quadrinhos. Que o poder, geralmente, vem de algum lugar. Daí, mesmo Renatinha não sendo uma proposta em quadrinhos, pensei: a autoestima de Renata vem da mãe, a autoestima da mãe de Renata, provavelmente, vem da avó e por aí vai. Pronto! O poder de Renatinha vem da ancestralidade.

Escrever Renatinha, foi uma necessidade. Uma necessidade de apresentar uma personagem que já nasce se sabendo bela e capaz. Tornar-se negro, como bem pontua Souza (1983), é uma tensão, visto que vivemos em uma sociedade que aplaude e venera o branco, porém recriar potencialidades é nossa forma de dizer estamos aqui produzindo conhecimento e re(existindo) mesmo diante das tentativas de silenciamento e interdição.

Renatinha, como dito acima, poderia ser uma personagem que se descobre bela e capaz, assim como eu só consegui descobrir na fase adulta da vida, mas não. Ela aprendeu a se amar desde cedo. E esta era minha necessidade ao escrever. Ecoar que é possível! Renata da Conceição Vergilho de Paula, que aparece na figura 2, quarta capa do livro, demonstra que é!

Ana Luiza dos Santos Gomes Cruz, minha sobrinha, que também aparece na figura 2, foi a primeira ouvinte de Renatinha. Na ânsia de ter uma opinião sobre a obra assim que conclui a escrita, a chamei e li a história. Após a leitura feita por mim, Ana Luiza disse que tinha gostado, porém saiu do quarto em seguida. Ausentou-se por um tempo e quando voltou me entregou o desenho da personagem que também está na figura 2 acima. Desenho este que serviu de inspiração para os traços da ilustração feita por Flávio Carlos.

Por tudo isso, Renatinha simboliza afeto. Um sentimento que encontra aconchego e importância epistemológica nas palavras de Rosa (2021) quando discorre sobre a importância de uma literatura negro afetiva.

Estas representatividades negras na literatura infanto juvenil são oportunidades para uma desconstrução de paradigmas literários hegemônicos, nos quais, infelizmente, ainda se identifica, algumas vezes, uma ausência de personagens negros em protagonismo, evidenciando a invisibilidade e o desprezo pela existência da pessoa negra e exaltando, mais uma vez, a já tão exaltada branquidade, reafirmando os seus privilégios em detrimento da população negra, que, é bom lembrar, representa a maioria da população brasileira (ROSA, 2021)

Rosa (2021) destaca a urgência de apresentarmos textos literários evidenciando o protagonismo negro visando uma representatividade positiva e não esterotipada. Segundo a própria, para se referir às suas obras como Menino Nito e outras, começou a utilizar o termo “literatura negro afetiva” em 2019, após a defesa de Mestrado, quando intensificou suas reflexões sobre seus escritos.

“Os personagens negros apresentados nas histórias que escrevo, e que são cuidadosamente ilustrados pelos ilustradores queridos, são transbordantes de humanidade”, destaca. (ROSA, 2021). Humanidade que pessoas negras reivindicam desde que foram abruptadamente sequestradas e escravizadas neste país. Humanidade que entra ano, sai ano precisamos exigir: na legislação, na educação, no trabalho, no lazer, na literatura, na vida.

Tomando por base as preposições de Rosa sobre uma literatura negro afetiva, Renatinha é uma, assim como tantas outras obras de mulheres negras que visam humanizar pessoas negras através de suas personagens.

3.2. Nascimento



FIGURA 3. Divulgação dos lançamentos

Renatinha nasceu em novembro de 2021, assim como uma outra obra de poemas escrita por mim, e seu lançamento foi realizado no dia 06 de fevereiro de 2022 no Parque Madureira.



FIGURA 4. Lançamento

O livro que foi escrito durante a quarentena foi publicado pela Editora Clube da Cultura e lançado, presencialmente, numa tarde recheada de afetos e encantamentos. Convém sinalizar que as condições sanitárias já possibilitavam encontros em locais abertos devido à baixa no número de óbitos ocasionados pela Covid-19.

Renatinha, então, pode dar e receber afeto. Renatinha foi muito acolhida!



FIGURA 5. Renatinha dando e recebendo afeto

A imagem da menina acima, que teve seu rosto levemente embaçado a fim de resguardar sua identidade, transmite para mim, e espero que para os eventuais leitores deste trabalho, a percepção de que Renatinha e ela, que ainda não domina a leitura, se entendem... mais que isso, estão em sintonia.

Ver uma menina negra com um livro que tenha uma personagem negra retratada de forma positiva é resistência. A dificuldade que mulheres negras encontram para publicar não é fetiche, existe! Renatinha nasceu de forma independente, num esforço financeiro visando ter mais um título que aborde a importância de gostarmos dos nossos traços, da nossa gente que compõe a maioria dessa população.

E, compondo a maioria da população, podemos inferir que ainda precisamos de muitos títulos antirracistas para darmos conta de reverter toda essa construção falaciosa de nossa inferioridade.

3.3 Os primeiros frutos

Após o lançamento, a procura pelo livro se intensificou e, também, começaram a surgir devolutivas de professoras que trabalharam o livro em suas unidades escolares, bem como convites para visitas a escolas.

3.3.1 Devolutivas



FIGURA 6. Renatinha na Educação Especial

A imagem acima é do trabalho desenvolvido pela professora Flávia (que também é escritora) da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Ela utilizou o livro com a sua turma de Educação Especial. Já as figuras seguintes foram algumas das atividades realizadas, em parceria, pelas professoras Silvana e Roseclair da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias na E. M. Vila Operária que, inclusive, é a unidade escolar onde Renata Conceição Vergilho de Paula está lotada atualmente. A primeira leciona para o 2º ano do Ensino Fundamental e a segunda atua no projeto Grupo de Apoio à leitura e Escrita (GALE).



FIGURA 7. Renatinha fazendo arte com o 2º ano

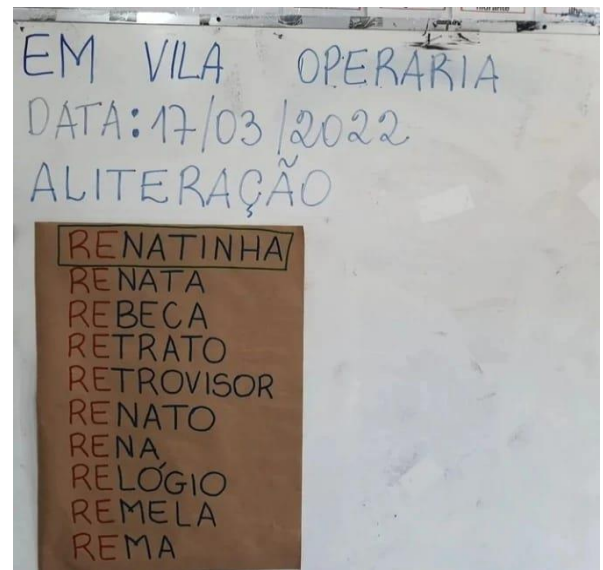


FIGURA 8. Renatinha e Aliteração no 2º ano



FIGURA 9. Renatinha, 2º ano e GALE aprendendo juntos

As atividades acima demonstram que é possível apresentar narrativas outras para nossos discentes e romper com uma hegemonia do conhecimento que, grosso modo, só nos interdita no caminho da humanidade.

Este entendimento de “não humanidade” imprime uma ideologia racista, povoa o imaginário dos leitores e dita, redita, reproduz e reafirma essa “não humanidade” da pessoa negra dentro da literatura infanto juvenil. No entanto, esta forma depreciativa e cruel de representação de não humanidade vem sendo cada vez mais confrontada por literaturas que valorizam a pessoa negra e suas histórias. (ROSA, 2021)

Com a implementação da Lei Nº 10639/2003, bem como a implementação da Resolução Nº 1/2004 personagens negros retratados de forma estereotipada não estão passando tão despercebidos ou encobertos, pelo menos, pelos estudiosos das pautas raciais (professores, estudantes, ativistas, feministas negras e outros mais).

A lei, como dito anteriormente, não contempla, explicitamente, a Educação infantil, no entanto, isso não significa que a exclui de apresentar e produzir conhecimentos que corroborem para uma educação antirracista. Neste sentido, eu, como professora de Educação Infantil, também, venho trazendo títulos de autores negros para meus alunos e, obviamente, Renatinha não poderia deixar de ser apresentada a eles. Através dela trabalhamos algumas questões pensando no Projeto anual de minha unidade escolar intitulado “Creche Laura: 40 anos sambando e cantando a beleza da diversidade”.

Com Renatinha e o trecho do samba “Eu acredito em você! E você?”, trabalhamos a identidade:

Derrubar o "gigante" eu vou
É lição de coragem e amor
Eu sou "guerreiro do bem" vou caminhar
A minha história vai te emocionar
(GRANDE RIO, 2012)



FIGURA 10. Renatinha e Identidade

O corpo com circuito...



FIGURA 11. Renatinha e os alunos exercitando o corpo

Na prefeitura de Duque de Caxias os alunos da Educação Infantil realizam troca de roupa ao chegarem na unidade escolar. Os alunos chegam de uniforme e a troca de roupas é realizada, pois na saída após o asseio (banho) colocam novamente. Desta forma, eles entram e saem uniformizados. Feita a ressalva, que considero importante, continuemos:

Os diferentes tipos de família...



FIGURA 12. Renatinha e famílias

O encantamento com a dramatização...



FIGURA 13. Dramatização: Renatinha, Pitico e o coelho

E, principalmente, a importância de gostarmos de nós mesmos.



FIGURA 14. Renatinha provando que “Amar a si mesmo é estupendo!”

Quando escrevi Renatinha pensei nas crianças menores da Educação Infantil pelos motivos aqui já expostos, no entanto, fui surpreendida positivamente. Afinal, Renatinha adentrou não só a Educação Infantil, mas outras etapas de ensino.

Trabalhar Renatinha onde considero um terreno fértil e instigante foi e tem sido emocionante. Uma de minhas alunas, esta que, propositalmente, está nas imagens acima, recebeu o título de Renatinha, pois a personagem, segundo os alunos e, também, as docentes é

parecida com ela. O sorriso a cada comentário é a materialização de que se ver belo é o natural. O racismo naturalizado é que está equivocado.

Em relação à obra ter afetado outros segmentos é magnífico, mas compreensível, pois a literatura tem esse poder! Ela é flexível, maleável, é circundante. É vivente!

3.3.2 Visitas realizadas

Partindo da evidência de que a literatura, de fato, é vivente, apesar dos poucos meses desde o lançamento, Renatinha e eu já experienciamos muitas vivências antirracistas importantes. Em 22/02/2022 compareci na Escola Municipal Professor Quirino situada no município de Mesquita à convite da Direção da unidade escolar.

Convém destacar que a rede municipal de Mesquita este ano aborda a importância da leitura através do projeto da rede intitulado “Um palco de linguagens”.



FIGURA 15. Renatinha na E. M. Professor Quirino

A foto acima foi retirada em uma das turmas do Ensino Fundamental. As atividades expostas são os desenhos dos alunos, melhor dizendo, são as Renatinhas produzidas por eles. Foram visitadas as turmas do 1º ano, 2º ano, as duas turmas do 3º ano e a turma do 4º ano que ouviram e trabalharam a história com a professora da sala de leitura da unidade escolar. A proposta era que conhecessem a escritora e fizessem questionamentos sobre a obra. Sim, eu estava naquele ambiente como escritora de um livro infantil.

Acredito que era importante para aqueles alunos ver uma mulher negra como autora de um livro infantil, pelos apontamentos aqui apresentados: representatividade positiva, importância da autoestima, narrativas outras, subversões curriculares e tantos outros motivos que podemos evidenciar, porém, como essa pesquisa também é de natureza autobiográfica é fundamental relatar que nesta primeira visita de Renatinha a uma unidade escolar onde fui

apresentada, efetivamente, como escritora me fez compreender em grau mais elevado a importância de ocupar, mesmo com medo, este lugar.

Existe um medo que, certamente, pode ter vários motivos, mas um deles hooks (1995) destaca em seu trabalho sobre intelectuais negras. O medo de não termos nossas escritas compreendidas. No entanto este medo passou assim que adentrei a escola e observei os trabalhos realizados no mural, nas salas do Ensino Fundamental. E, aí, não lá, mas aqui neste momento escrevendo percebi o quanto a contribuição de hooks (1995) é importante ao sinalizar que o trabalho e o conhecimento de intelectuais (não que me considere uma) e o conhecimento adquirido nas universidades deve chegar aos nossos que lá não estão.

Minha segunda e impactante visita aconteceu em 05/04/2022 na Escola Municipal Vila Operária situada no município de Duque de Caxias à convite da Direção da unidade escolar. Foram uma manhã e uma tarde de leitura, entrevista com a autora e a inspiração do livro, mas principalmente foi um momento de educação antirracista em prática. As professoras citadas no item anterior, Silvana e Roseclair desenvolveram trabalhos riquíssimos tendo Renatinha como marco encaminhador das propostas, inclusive, adquiriram e distribuíram exemplares de Renatinha para seus alunos. As demais professoras e funcionários, também abraçaram a obra e o resultado foi a celebração da diversidade, o que vai ao encontro do projeto da escola “Espelho, espelho meu: quem sou eu?” que este ano tem como foco para trabalhar a identidade.



FIGURA 16. Renatinha, Cláudia e Renata

Renata, a educadora que me inspirou a escrever, lá estava. Ela, que possui uma estatura considerável como é possível constatar na figura acima, tem sido chamada de Renatinha pelos alunos. Por diversas vezes, eles a chamavam assim e eu tentava observar de qual delas eles estavam falando, da inspiração ou da personagem.

Contamos e recontamos a história, cantamos, entrevistamos e fomos entrevistadas, celebramos! E, lá, recebemos muitos sorrisos largos, abraços apertados, olhares afetuosos, cartinhas (recebi uma cheia de corações), sugestões para os próximos passos de Renatinha (Tik Tok, YouTube, etc) e os meus (ida a praia e ao clube). Mas duas indagações que foram realizadas no turno da manhã me tocaram.

A primeira foi realizada por um aluno negro que estava extremamente tímido e acabou sussurrando a pergunta no meu ouvido: “Por que você não escreve um livro com menino pretinho?” A pergunta dele fez responder com sorrisos: “Ótima ideia, acho que vou escrever uma história sobre você!”

A outra, de uma aluna branca, logo após a pergunta do colega: “Por que você não escreve uma história com uma menina branca?” Esta considerei importantíssima, pois me pareceu uma curiosidade real da menina. Com um vocabulário que no momento considerei adequado para faixa etária dela respondi que escrevo sobre personagens negros porque na nossa sociedade já existem muitos livros em que pessoas brancas aparecem. Então, priorizo escrever sobre personagens negros para que tenhamos mais representatividade.



FIGURA 17. Renatinha para os alunos

Mais representatividade e mais proporcionalidade é o que desejamos!

3.3.3 Desdobramentos que estão por vir

Foram duas visitas realizadas até o momento e alguns convites para outras que acontecerão em breve, porém, o futuro de Renatinha com ou sem visitas é impactar crianças negras e não negras no intuito de mostrar a elas a importância de se respeitar corpos e saberes negros. Renatinha é uma possibilidade, assim como outros títulos também o são.



FIGURA 18. Renatinha é o poder!

Portanto, as atividades que foram apresentadas não são prescrições de trabalhos antirracistas, mas são relatos de propostas curriculares subversivas (que subvertem o posto ou imposto em algumas escolas) na expectativa de corroborar para olhares afetuosos sobre si e os outros. E, também, na expectativa de incentivar professores pesquisadores a mostrarem seus trabalhos para o mundo.

Meu processo enquanto pesquisadora de questões raciais e enquanto escritora tem muito a ver com a minha condição de ser no mundo. Uma menina negra que se achava o patinho feio, de uma jovem retraída e nada feliz com o espelho, de mulher que passa a gostar mais de si a partir do contato com mulheres negras conscientes e atentas as questões raciais, de mulher que tem a cor que o Estado considera descartável, de moradora do subúrbio do Rio, que vem de uma trajetória desafiadora, assim como a maioria do povo dessa cidade, de professora da primeira etapa da Educação Básica, que deseja ver crianças negras amando a imagem refletida

no espelho desde cedo e crianças não negras compreendendo que não existem padrões de beleza e intelectualidade e, por isso, a questão racial lhe é tão cara.

Nem toda pessoa negra precisa falar e/ou escrever sobre racismo, mas eu preciso. Esta sou eu! Uma mulher negra que opta por este objeto de estudo, pois ele me atravessa, às vezes me faz sofrer, mas eu não desisto de o combater através das brechas, da literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de conclusão de curso, grosso modo, procurei apresentar como se deu minha trajetória de pesquisadora à escritora de literatura infantil. Partindo do pressuposto que em uma sociedade racista como a nossa, termos mais títulos que retratem personagens negros de forma positiva é importante na luta antirracista e que muitos de nós, educadores, contamos e criamos histórias, mas nem sempre conseguimos publicá-las, a motivação para relatar esse percurso foi a expectativa de que ele sirva de contributo para observância de como narrativas negras retratadas de forma não estereotipada é fundamental desde a Educação Infantil, assim como, também, é fundamental, estimular outros relatos que nos possibilitem reflexões e ações voltadas para o respeito a diversidade e a reeducação de práticas educativas com vistas a justiça social.

Para atingir o propósito deste trabalho evidenciei o desdobramento de uma pesquisa anterior onde me foi oportunizado aprender e re(aprender) com mulheres negras que atuam na educação. Uma delas, Renata, que foi inspiração para o que no futuro transformou-se no livro infantil Renatinha. No entanto, antes de discorrer sobre Renatinha e suas reverberações, no primeiro capítulo, apresentei a justificativa, os objetivos do trabalho e os aportes teórico-metodológicos que atravessam a grita por apresentar narrativas negras descolonizadas desde a Educação Infantil; no segundo capítulo propus o diálogo acerca do protagonismo de mulheres negras e a indicação da Educação Infantil ser um terreno fértil para plantarmos antirracismo, destacando a Lei Nº 10639/2003 como um respaldo legal importante. A obrigatoriedade expressa em lei é a partir do Ensino Fundamental. Contudo, a ideia central apresentada é que a referida lei precisa e pode ser trabalhada, também, com os pequenos devido a necessidade e a urgência de práticas antirracistas na Educação Infantil. Neste sentido, a Lei Nº 11645/2008 (que altera a Lei Nº 10639/2003) e a Resolução Nº 01/2004 que discorre sobre a educação das relações raciais, também, se somam aos respaldos legais, frutos das lutas de caráter emancipatório; no terceiro capítulo apresentei a obra Renatinha como uma possibilidade de prática antirracista, sem o propósito de apresentar fórmulas prontas de combate ao racismo.

A partir deste cenário, podemos concluir que é fundamental que as práticas profissionais tenham objetivos predefinidos e sejam constantemente (re)avaliadas a fim de não incorrerem em exclusões, sejam elas culturais, sociais ou de qualquer outra natureza. Para tanto, realizar tais movimentos envolve afeto, mas precisamente, o ato de afetar, que, aqui dentre tantas outras

possibilidades, consideramos que implica em respeitar a identidade e a pertença de todos, mesmo que estas sejam distintas das nossas. Renatinha, de certo modo, nos convida a isso!

Renatinha me remete a muitos lugares, um deles a referência de princesa negra que não tive na minha infância. A primeira princesa que conheci através da literatura foi Cinderela e, posteriormente, princesinhas no mesmo padrão. Obviamente, nada contra a Cinderela, mas como é bom ver também “*Betina*” de Nilma Lino Gomes, “O mundo no black power de Tayó” de Kiussan de Oliveira, “Meu crespo é de rainha” de bell hooks, “Amoras” de Emicida e, por que não, Renatinha e tantos outros por aí que apresentam personagens como eu, como Renata, como minha aluna do sorriso largo e como um tanto de gente que compõe a maioria dessa população?

Essa não é uma pergunta para ser respondida, mas refletida. Levar para dentro de nossas salas de aula histórias que empoderem crianças negras e mostrem às crianças não negras que não existem padrões de beleza e intelectualidade é essencial para projetarmos uma sociedade mais equânime e, conseqüentemente, mais justa e democrática.

A Educação Infantil é um terreno fértil! Basta plantarmos antirracismo lá e cultivarmos estas sementes para colhermos antirracistas nas outras etapas de ensino. Aqui fica o convite a essa pesquisa, de forma mais aprofundada, mas de antemão dados os apontamentos elencados é possível afirmar que na Educação se plantando dá. Começar desde cedo a se amar também é um ato de resistência!

REFERÊNCIAS

- ADICHUE, C. N. The Danger of a Single Story. TEDGlobal, jul. 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt> Acesso em 01/05/2021.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N°9394/1996. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 01/05/2021.
- BRASIL. Resolução N° 01/2004: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Senado Federal, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em 01/05/2021.
- CARNEIRO, S. Mulheres em Movimento. **Estudos Avançados** 17 (49), 2003.
- CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- CRUZ, C. G. Ela confia na semEnte. In: MARCELINA, E., MENDONÇA, J. A. (org). **Parto Normal**, 1ed. São Paulo: Feminas, 2021.
- CRUZ, C. G. **Renatinha**. São Paulo: Editora Clube da Cultura, 2021.
- CRUZ, C. G. **Trajetórias de vida de mulheres negras e suas colaborações para (re)Educação das relações étnico-raciais**. 2020. 155 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Educação Básica) – Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, jan-abr, p. 98-109, 2012.
- GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HOOKS, b. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v.3, n. 2, p. 454-478, 1995.
- JESUS, C. M. de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10ed. São Paulo: Ática. 2014.
- JOSSO, Marie-Chistine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LEVINE, Robert M. & MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROSA, S. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. **GELEDES, 2021**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/> Acesso em 19/01/2022

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

WALSH, C.; GOMES, N. L. O que é Pedagogia Decolonial? II Seminário de Formação Política do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Culturas: TV Uerj, 19 de set. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pw8MqYauzc0>> Acesso em 19/09/2018.